



Mário Freitas*

Saúde Pública e a Saúde do público, semana a semana (14): Um mundo que precisa mudar

“Estas foram, provavelmente, as 2 semanas mais quentes, à escala global, dos últimos 100.000 anos.”

A Ciência da Semana: malária na Flórida e no Texas

Em todos os Estados, dos EUA, as autoridades de saúde pública estão em **alerta máximo para a malária**, depois de terem ocorrido **7 casos de transmissão local, na Flórida e no Texas**.

Aqueles que têm acompanhado a situação sabem que **tivemos mais de 2 semanas consecutivas com temperaturas record a nível global**, desde que as medições por satélite começaram, em 1979. Estas foram, provavelmente, **as 2 semanas mais quentes, à escala global, dos últimos 100.000 anos**.

Talvez os negacionistas crónicos iniciem, em breve, as suas habituais campanhas sobre a dialética “calor no planeta **com** temperaturas record” ou “calor no planeta **por** temperaturas record”. Talvez se tornem especialistas em medição de temperaturas e nos esclareçam, a nós leigos e aos especialistas, como se deve medir a temperatura do planeta. Afinal de contas, a Economia está acima de todas estas “questões menores”, do tipo a “Saúde da população” ou o “futuro do planeta”, este, o único que sabemos ser habitável...

Os dados para análise, desta semana: **O melhor remédio para melhorar a saúde global? Reduzir as desigualdades!**

Esta é a análise da “Nature” desta semana, e que aqui trago hoje, com uma reflexão pessoal.

A pandemia COVID19 travou os progressos na melhoria da saúde pública, a nível mundial.

Os últimos anos não foram fáceis para os sistemas de saúde de todo o mundo. Quando as “Nações Unidas” definiram os seus “Objectivos de Desenvolvimento Sustentável” (ODS), em 2015, a ameaça de uma pandemia que varresse o mundo não era uma possibilidade, para a maioria da Humanidade.

A meio do prazo dos “ODS - 2030”, a Nature analisou cada um dos seus 17 objectivos. Não é com surpresa, por exemplo, que se verifica que o progresso do objectivo número 3 – “Garantir uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades” – foi débil...

Mas, isto não significa que as metas desse objetivo devam ser reduzidas em Setembro deste ano, quando se avaliar o progresso dos ODS. Ao invés, devem ser reforçadas, aumentando o foco nas desigualdades económicas e sociais.

As metas de saúde e bem-estar da ONU incluem reduzir a mortalidade materna para um terço das taxas atuais, reduzir para metade os acidentes de trânsito e acabar com várias epidemias, como a de tuberculose e a de malária.

Entre 2015 e 2021, 146 países dos 200 avaliados caminhavam para atingir a meta dos ODS de menos de 25 mortes por 1.000 nados vivos. Estudos projectavam que a escassez mundial de profissionais de saúde cairia de 15 milhões para 10 milhões, até 2030; isto teria contribuído para atingir a meta dos ODS, de aumentar substancialmente a força de trabalho em saúde, em países de baixos rendimentos.

A taxa de mortalidade materna, que diminuiu entre 2000 e 2016, manteve-se constante nos 5 anos após o estabelecimento dos ODS. Em Fevereiro de 2020, ainda era cerca de três vezes maior do que a meta dos ODS (70 mortes maternas por 100.000 nados vivos, até 2030).

A pandemia COVID19 tirou milhões de vidas, deixou milhões de pessoas com incapacidade e bloqueou os sistemas de saúde de todo o mundo. Houve efeitos indirectos, bem como directos. Com os líderes focados na pandemia, os gastos globais com os serviços de tuberculose caíram 10%, de 6 mil milhões de dólares (EUA) em 2019 para 5,4 mil milhões dólares em 2021; no mesmo período, as mortes por tuberculose aumentaram de 1,4 milhão para cerca de 1,6 milhão. As mortes associadas à malária aumentaram 12%, de 558.000 em 2019 para 627.000 em 2020. As taxas de vacinação infantil contra a difteria

e o tétano caíram, entre 2019 e 2021.

A educação também foi afectada pela pandemia: crianças de origens socioeconómicas desfavorecidas tiveram maior prejuízo na sua aprendizagem. As consequências podem demorar anos a perceber-se: por exemplo, as taxas de gravidez e de HIV tendem a diminuir quanto mais tempo permanecerem as meninas no sistema educativo...

Como já aqui expliquei, num outro artigo, para uma população ter saúde não basta apenas a biologia, ter “bons genes”; é preciso bom meio ambiente, boas oportunidades, boa economia e boas escolhas na vida. A pandemia COVID-19 revelou tais influências, com disparidades entre ricos e pobres, em termos de resultados, de disponibilidade de tratamentos e de distribuição de vacinas.

A discussão pública sobre os determinantes sociais da saúde tem de ser feita, no contexto dos ODS. Para realmente abordar a saúde e o bem-estar globais, os governos devem trabalhar para reduzir a desigualdade económica, não apenas entre as nações, mas também dentro delas. **Na realidade arquipelágica açoriana, combater as desigualdades entre ilhas, e dentro de ilhas. Isto significa aumentar o financiamento para reduzir a pobreza, a discriminação e a violência, que contribuem para os problemas de saúde.**

Em Maio passado, a “Organização Mundial da Saúde” divulgou um relatório que enunciou as reformas económicas necessárias para melhorar a saúde, a nível global. O relatório, intitulado ‘Saúde para Todos’, estabelece uma série de medidas económicas, como a reforma fiscal sobre os ricos e as empresas multinacionais, e pede permissão para o alívio da dívida dos países de baixos rendimentos, durante pandemias e desastres naturais.

Apela ainda a uma reformulação da forma como percebemos a saúde e o bem-estar: não como uma despesa, a cortar em tempos de austeridade, mas como um investimento na economia futura e no bem-estar de um país. **Em última análise, não atingiremos as metas de saúde dos ODS, a menos que os líderes mundiais estejam dispostos a adoptar as reformas económicas necessárias para reduzir a desigualdade.**

A homenagem da semana: **Concerto solidário EMSOC 2023**

A “European Medical Students’ Orchestra and Choir (EMSOC)” apresenta-se pela primeira vez em Portugal, na Matriz de Vila Franca do Campo, no dia 28 de Julho, e na sala principal do Coliseu Micaelense, no próximo dia 29 de julho.

O seu XIV Encontro Anual, com cerca de 100 estudantes de medicina e jovens médicos, divulga obras de compositores portugueses e estrangeiros, sob a Direção Musical de Henrique Constância e Direção Coral de João Fonseca e Costa.

A receita de bilheteira reverterá a favor da ACAPO - Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal - Açores.

Os bilhetes estão disponíveis na bilheteira local e na BOL: <https://bol.pt/Comprar/Pesquisa?q=Coliseu+Micaelense&dist=0&e=0>

- 29 de julho
- 21H00 | porta abre ao público às 20H30
- 5€ | preço geral

Por múltiplas razões, é um concerto imperdível.

*Médico consultor (graduado) em Saúde Pública, com a competência médica de Gestão de Unidades de Saúde